

Cinema brasileiro  
perde o produtor  
A.P. Galante



PÁGINA 2

Monólogo recria  
trajetória de  
Olga del Volga



PÁGINA 5

Ziraldo presenteou  
sua cidade com  
coreto de Niemeyer



PÁGINA 8

## 2º CADERNO

Divulgação

# Zé do Caixão para espanhol ver

*Descendente de espanhóis, Zé do Caixão terá seus filmes exibidos durante evento cinematográfico em Madri*

### Realizador vai ser homenageado em mostra espanhola de cinema brasileiro

Por **Diogo Bachega** (Folhapress)

**J**osé Mojica Marins, o Zé do Caixão (1936-2020), está sendo homenageado na 17ª edição da Novocine, mostra espanhola de cinema brasileiro. Como parte de sua programação, o evento, que acontece em Madrid, na Espanha, vai exibir três longas do diretor restaurados em 4K.

A homenagem é a primeira edição da mostra Cult, tema escolhido pelo festival para esse ano, em que devem ser homenageados também outros nomes clássicos do cinema brasileiro.

A seleção começou na segunda-feira (8) com “Maldito - O Estranho Mundo de José Mojica Marins”, filme dirigido por Ivan Finotti e André Barcinski - jornalistas, os dois são autores também de uma biografia.

O longa reúne depoimentos do sombrio cineasta e de seu entorno para iluminar sua vida e sua obra.

Nesta terça, quarta e quinta-feira (9, 10 e 11) serão exibidos “À Meia-Noite Levarei Sua Alma”, “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” e “O Despertar da Besta”, respectivamente.

Os filmes serão exibidos em suas versões em 4K, definição melhor que o HD, restauradas em laboratórios da Cinecolor a pedido da empresa americana Arrow Films, que lançou coleções das obras de Zé do Caixão nos mercados dos Estados Unidos e britânico no começo deste ano.

“O Zé do Caixão já é bastante conhecido no Brasil desde os anos 1990, quando os filmes dele foram lançados nos Estados Unidos, ainda em VHS, e ele passou a se chamar Coffin Joe”, explica Ivan Finotti, que revela ter conhecido Mojica quando era repórter do extinto Notícias Populares.

Na Espanha, no entanto, o cinema do diretor é pouco conhecido, ainda que fosse filho de espanhóis que imigraram para o Brasil. Mojica chegou a visitar o país europeu nos anos 1970, quando frequentou o Sitges, festival de cinema fantástico e terror da Catalunha.

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Moraes se dedica à pesquisa de desastres ambientais

## Livro alerta para a degradação ambiental no planeta

Aquecimento global, efeito estufa, degelo das calotas polares, ondas de calor extremo, secas, morte dos oceanos e destruição dos ecossistemas. Essas são algumas das ocorrências que muitos acreditam se tratar de problemas do futuro.

Distúrbios assim já fazem parte da realidade no presente no planeta e são

indicadores claros da degradação ambiental no planeta. Esse é o tema do livro "Planeta Hostil", cujo lançamento acontece nesta terça-feira (9), na Livraria da Travessa Ipanema. O autor, Marco Moraes, é geólogo, com Ph.D. pela Universidade de Wyoming (EUA), e atuou por 37 anos na área de pesquisa da Petrobrás.

### Caetaneando

A turnê Xande Canta Caetano, inspirada no álbum homônimo, estreia 2 de junho na Concha Acústica, em Salvador. Em seguida, o artista inicia giro por x capitais: Belo Horizonte (21/6), Vitória (6/7), São Paulo (20/7 e 8/9), Rio (27/7) e Brasília (2/8).

### Viva o teatro!

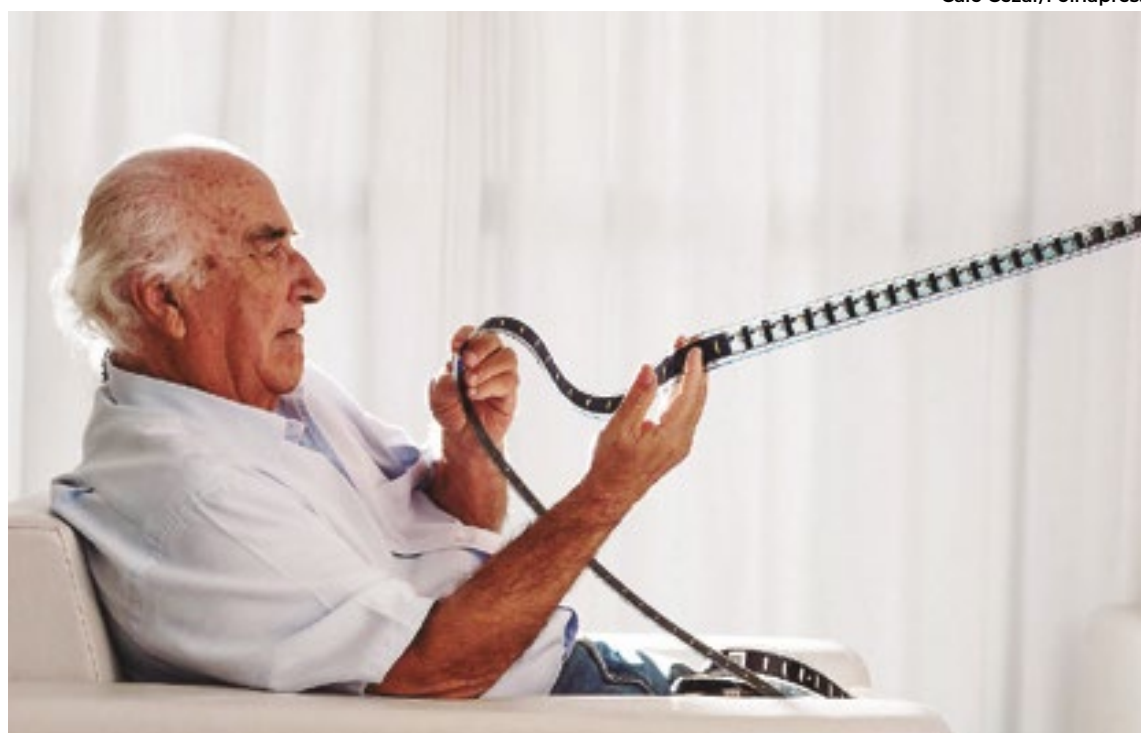
O Festival de Curitiba celebra recorde de venda de ingressos e integração com as artes de todo o Brasil. O evento, que foi encerrado no domingo (7), teve 200 mil espectadores e mais de 300 atrações ao longo de duas semanas.

### Cinema por Gaza

Estrelas de Hollywood participam de leilão que está arrecadando fundos para as vítimas do conflito em Gaza. Spike Lee, Paul Mescal e Olivia Colman, entre outros, doaram itens seus para serem leiloados. O "Cinema for Gaza" já levantou US\$ 113 mil.

### Direitos autorais

Entidades representantes dos setores musical, audiovisual, editorial, jornalístico e de dramaturgia apresentaram carta ao Senado em defesa dos direitos dos criadores, artistas e produtores, frente ao avanço da Inteligência Artificial Generativa.



O produtor Antonio Polo Galante investiu em todos os gêneros cinematográficos, do drama à pornochanchada

# Morre um aventureiro Galante

Paulista Antonio Polo Galante esteve por trás da produção de vários sucessos de bilheteria no país

**M**orreu, neste domingo (7), Antonio Polo Galante, mais conhecido como A.P. Galante, um dos maiores produtores cinematográficos brasileiros, aos 89 anos. A informação foi confirmada pela sua família, que não informou as causas da morte.

Galante foi um pioneiro em colaborar com uma ampla variedade de gêneros cinematográficos, desde dramas até pornochanchadas, westerns a filmes de cangaço, musicais a policiais, sertanejo, entre outros.

Em 1967, alcançou o seu primeiro sucesso de bilheterias, com "Vidas Nuas", drama erótico dirigido por Ody Fraga.

Nos anos 1970, Galante se tornou uma figura central para o cinema paulista, atuando ao lado de grandes diretores da Boca do Lixo, como Walter Hugo Khouri e incentivando os trabalhos de Rogério Sganzerla - com este, já havia trabalhado em "A Mulher de Todos", em 1969 - e Carlos Reichenbach.

Com a Galante Produções Cinematográficas, sua própria empresa, ele intensificou seu trabalho, sobretudo na produção de pornochanchadas. Em 1977, ele atingiu o recorde de produtividade, com sete filmes do gênero. Seu último filme foi "Cinderela Baiana", de 1998, dirigido por Conrado Sanchez. Ao todo, Galante colaborou com 65 títu-

los do cinema brasileiro.

Nascido em Tanabi, no interior paulista, Galante teve uma infância difícil, tendo frequentado entidades assistenciais. Quando se mudou para São Paulo, em 1954, conseguiu um trabalho como faxineiro dos estúdios Maristela, entrando em contato, para sempre, com a produção cinematográfica. Até se tornar produtor ele assumiu diversas funções: ajudante geral, contrarregra e electricista, por exemplo.

Em homenagem à sua vida e legado de Galante, o bar O Soberano, situado na Rua do Triunfo, região central de São Paulo, será palco de tributos ao renomado produtor, local esse conhecido por ser frequentado por cineastas e técnicos.

Além disso, a família de Galante e o estabelecimento têm negociado nos últimos meses para organizar o acervo do produtor, realizando a recuperação e o inventário do material visando futuros projetos, mantendo viva a memória e a contribuição de Galante para a cinematografia brasileira.

Embora tenha nascido em São Paulo, Galante passou seus últimos anos em Santa Catarina, onde será cremado nesta segunda-feira (8), no Crematório Vaticano Balneário Camboriú.

# Mania de Cronenberg

Divulgação

Na torcida pela escalação da sci-fi 'The Shrouds' para Cannes, cineasta canadense renova seu séquito de fãs, apoiado na carreira de seu 'Crimes of the Future' no streaming

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**N**esta quinta-feira (11) serão divulgados os concorrentes à Palma de Ouro do Festival de Cannes e todas as listas que especulam sobre os potenciais títulos da disputa oficial do evento citam "The Shrouds". A razão? Seu realizador, David Cronenberg, canadense de 81 anos encarado como "O" papa do body horror. Na trama, Vincent Cassel vive Karsh, inventor responsável por um instrumento capaz de falar com os mortos.

A aposta alta na escolha desse longa-metragem é prova de uma Cronenbergmania que ronda a Europa – e não só ela – nos últimos 20 anos. No momento em que "Marcas da Violência" (2005), uma adaptação de HQs com Viggo Mortensen no papel central, levou o cineasta à Comic-Com de San Diego (o maior evento nerd do planeta) e virou um cult, a grife autoral desse mestre egresso do Canadá virou pop. Fora isso, há uma efeméride em torno de seu nome: em 2024, completam-se 55 anos de sua estreia em longas, demarcada pela estreia de "Stereo" (1969).

Seu filme anterior, "Crimes of The Future", hoje na MUBI, teve uma avassaladora carreira nos festivais e no streaming. Brillhou apesar de não ter sido premiada em sua passagem por Cannes, onde parte da plateia deixou a projeção incomodada com a representação da fisiologia humana. Monumental, a fita é uma ficção científica catastrofista. Foi projetada ainda no 70º



**Em 'Crimes of the Future', Viggo Mortensen vive um artista performático que faz mostras públicas para exibir suas cirurgias de órgãos**

Divulgação/SSIFF



**David Cronenberg no Festival de San Sebastián**

Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, numa homenagem a seu realizador, de onde ele saiu com o troféu Donostia, láurea honorária referente ao conjunto de sua obra... e à sua excelência.

Embalado numa serena trilha sonora de Howard Shore similar a um mantra, "Crimes of the Future" (título original) faz jus à toda a expectativa que o cercou na Croisette, onde brigou pela Palma de Ouro. É sublime! Foi

o espetáculo autoral mais radical de Cannes, em sua edição nº 75 e gerou uma vasta quilometragem de resenhas inflamadas na imprensa europeia. É um filme perfeito em sua dramaturgia intimista e de uma riqueza inestimável em seu reflexo das angústias que movem o mundo em 2022.

Estão em seu filosófico roteiro, filmado em Atenas, o abandono gradual do toque e do contato físico; a radical espetacularização das opiniões; identidades performáticas; doenças sistêmicas; e um conceito brilhante: "o design do tumor", que sugere o crescimento desenfreado de ideias comatosas. E some a tudo isso um Viggo Mortensen em estado de graça. Coroando tudo, há o fato de Cronenberg estampar sua marca venérea, intestinal, a cada plano, sem abrir mão, hora alguma, dos códigos de gênero da sci-fi.

Em sua tenebrosa projeção do Amanhã, o filme de Cronenberg registra o fracasso do projeto humanista que pudesse gerar harmonia entre as civilizações. Na trama, à medida que a espécie humana se adapta a um ambiente sintético, o corpo passa por novas mutações. Essa é a realidade de Saul Tenser (papel de Viggo), artista performático célebre, apaixonado por sua parceira Caprice (Léa Seydoux, igualmente potente). Ele faz mostras públicas de suas cirurgias de órgãos, em performances de vanguarda. Mas algo nessa rotina vai mudar quando Timlin (Kris-

ten Stewart), uma investigadora do Registro Nacional de Órgãos, passa a seguir obsessivamente seus movimentos, esbanjando desejo por Saul e seus métodos de autoanálise. Há ainda uma espécie de investigador, encarnado pelo multiartista Welket Bungué, que carrega o filme com uma carga de mistério. Vale especial aplauso a produção dos figurinos, a se ressaltar o traje à la Darth Vader de Saul.

"Esse filme tenta abordar o que viramos", disse Cronenberg à TV francesa, antes de Cannes começar, sendo coroado por revistas francesas por uma obra coalhada de sucessos, como "Cosmópolis" (2012), "Senhores do Crime" (2007), "A Mosca" (1986) e "Videodrome" (1983).

Ao Correio da Manhã, o cineasta respondeu que toda imagem, still ou em movimento, "é sempre uma ritualização da morte, por ser uma maneira de encapsular o Tempo, mas este age sobre os corpos num avanço que não pode ser paralisado".

Com "Crimes of the Future", o cinema mundial entrou num casulo onde revê as microfísicas do absurdo e do abandono de nosso tempo, aplaudindo o nascimento de um filme seminal. Há uma sequência nele que se candidata à posteridade: uma dança de um performer cego e de boca costurada que tem uma profusão de orelhas presas ao corpo. É um signo de nossa incapacidade corrente de ouvir o mundo... de escutar o outro.



Divulgação

Uma espécie de samurai motorizado, Ryan Gosling pilota o cult ganhador do Prêmio de Direção de Cannes em 2021

# TV Brasil acelera com 'Drive'

Thriller com Ryan Gosling virou cult depois de render o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes ao dinamarquês Nicolas Winding Refn

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**S**emana após semana, a TV Brasil, em nova gestão, tem surpreendido sua audiência não só com o obrigatório novo "Sem Censura" e transmissão de jogos da Série B do Brasileiro, mas com uma programação de filmes memorável, capaz de rivalizar com qualquer emissora ou streaming de peso, com direito a "Drive". Treze anos depois de sua consagração internacional, o filme que transformou Ryan Gosling num astro, vai estar na grade da TV Educativa.

Daqui a umas três semanas, no dia 3 de maio, ele será visto em "O Dublé" ("The Fall Guy"), adaptação da série "Duro na Queda", no papel que foi de Lee Majors: Colt Seavers. É um convite ao sucesso.

Convite similar ao que o cult a ser visto na televisão aberta nesta quarta-feira, às 21h30. Gosling estará dublado por Márcio Araújo na versão brasileira.

Em 2011, esse thriller sobre quatro rodas rendeu ao cineasta dinamarquês Nicolas Winding Refn o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes. À época de sua incursão cannoise, ninguém deu muita bola para a participação de Refn entre os concorrentes, com algo que parecia ser um filme de corrida estilizado, e só. Um filme sobre um dublé especializado em pilotagem que, à noite, dirige para assaltantes em roubos arrojados. Na hora H, Refn disse à Croisette a que veio. Antes, ele já havia atraído atenções com "Psuher" (1996), "Medo X" (2003) e "Bronson" (2008).



Divulgação

**Ryan Gosling recebe instruções do diretor Nicolas Winding Refn no set de filmagens de 'Drive'**

Já nas primeiras sequências a evocação à década de 1980, com especial alusão a "Atraídos Pelo Perigo" ("No Man's Land", 1987), de Peter Werner, já serviu como uma preciosa "fábula de apresentação", termo técnico da escrita de roteiro para a introdução de personagens. Na sequência, o Palais des Festivals deleitou-se ao ver Gosling num

papel sem nome - chama-se apenas O Motorista - em modo samurai. Ele aparece semore taciturno e focado, disposto a tudo para conseguir paz para a mulher por quem está apaixonado (Carey Mulligan). Esta tem um filho com um marginal fracassado (um Oscar Isaac, em início de carreira). Num vacilo, esse bandidinho atrai a antipatia

de um exótico gângster, Bernie Rose, papel que tirou a poeira há anos depositada sobre os ombros de Albert Brooks. O comediante por trás de "Relax" (1985) e "Um Visto Para o Céu" (1991) fez ali uma interpretação magistral, coroadada com uma indicação ao Globo de Ouro, num papel sem riso, pautado pela vilania. Num determinado momento, o Motorista, em meio ao concerto de um carro, cheio de graxa nos dedos, tromba com Bernie pela primeira vez, que lhe estende a mão para um cumprimento. Gosling, impávido, apenas olha e diz: "Minhas mãos estão sujas". Brooks devolve o olhar e crava: "As minhas também", referindo-se ao histórico de crimes em seu passado. Dali pra frente, um choque de forças vai se estabelecer diante do olho da plateia, o que vai se repetir na transmissão da TV Brasil.

Seu primeiro público, o de Cannes, saiu chocado com a maneira como Refn conseguiu extrair poesia de uma matéria tão desgastada quanto as histórias de acerto de contas. Refn já havia demonstrado potência em seu poderoso "Valhalla Rising" ("Guerreiro Silencioso" por aqui), de 2009, hoje na grade da Amazon Prime, com Mads Mikkelsen em estado de graça. Mas era mais um estudo sobre a violência do que exercícios de gênero. "Drive", não. Era um misto dos dois e algo além. Acabou que o realizador saiu de Cannes laureado por um júri presidido por Robert De Niro.

Baseada em romance homônimo de James Sallis, traduzido no Brasil, essa tensa produção de US\$ 15 milhões faturou US\$ 78 milhões e ainda concorreu ao Oscar de edição de som, configurando-se como marco da ação. Refn fez ainda mais duas joias: "Só Deus Perdoa" (2013) e "Demônio de Neon" (2016), ambos lançados por Cannes.

Nesta quinta, também às 21h30, a TV Brasil exhibe "Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar", sensação documental brasileira da Berlinale 2019, com direção de Marcelo Gomes. É uma viagem à capital brasileira da calça jeans: Toritama.

# Olga del Volga e seu humor ácido são revividos no palco

**S**ucesso de público e crítica, “Quem tem Medo de Olga del Volga?” faz curtíssima temporada no Teatro Café Pequeno, no Leblon, até domingo (14). Estrelada por Gustavo Klein, a comédia revisita a obra de Patrício Bisso, multiartista argentino que rompeu barreiras, enfrentou a censura e se consagrou nacionalmente com a personagem “Olga del Volga” na TV e no cinema.

A dramaturgia entrelaça as jornadas de Patrício, Olga e Gustavo. Na peça, Gustavo recebe a ligação de um produtor de elenco, que o convida para o filme sobre Hebe Camargo, “Hebe – A Estrela do Brasil”, para representar Olga del Volga, sexóloga e conselheira sentimental russa, ferina nos comentários, sempre presente no sofá da apresentadora a partir da década de 1980, criação de Bisso, ator, figurinista de teatro e cinema (“O Beijo da Mulher Aranha”), ilustrador e colunista. Ao aceitar a oportunidade, o ator sente o peso do papel e sua preparação é retratada no palco, mostrando as dúvidas, ansiosos, insegurança, medo, ansiedade e nervosismo.

Com humor ácido e números musicais, “Quem Tem Medo de Olga del Volga” mostra a riqueza do universo criativo LGBTQIAPN+, valorizando o artista performático Patrício Bisso, e discute a homofobia noticiada e aquela que é feita à boca miúda.

A peça tem roteiro escrito pelo jornalista Tony Goes (1960-2024), que faleceu em fevereiro após a temporada de estreia da peça, a primeira da sua carreira. A direção está nas mãos do premiado ator e diretor Gilberto Gawronski, que trabalhou como assistente de direção da montagem do musical Theatro Musical Brasileiro, onde Patrício Bisso era o figurinista.

Com larga experiência em teatro, Gustavo Klein atuou nos musicais “Rapsódia, “Os

Monólogo relembra a polêmica personagem de humor e seu criador, o multiartista argentino Patrício Bisso

Produtores”, “Avenida Q” e “A Gaiola das Loucas”. Na TV, fez o seriado “Pé na Cova” e a novela “Sangue bom”, ambos na Rede Globo, além do filme e do seriado “Hebe – A Estrela do Brasil”.

Wladimir Pinheiro assina a direção musical e está em cena como ator e pianista, acompanhando os números musicais divertidos e cheios de duplo sentido, como “Meus Russos”, “Louca pelo Saxofone”, “Picasso”, “Pare, Repare, Espere, Desespere”.

Os figurinos cenográficos são a marca de Bisso. O palco e suas personagens inesquecíveis foram tema de suas performances nos palcos paulistas nos anos 80/90. Em “Louca pelo Saxofone”, mulheres surgiam encarnadas por ele em cena. O humor era um interessante contraponto com a seriedade para com seus figurinos, sempre elaborados nos mínimos detalhes. O seu forte era a reconstrução de peças inspiradas nos clássicos hollywoodianos. Para encarar o desafio desta homenagem, com figurino único e criativo, o também multiartista Cláudio Tovar foi convidado para estar à frente das roupas.

Contemplada pelo edital FOCA 2022, a peça fez sua estreia no Turma Ok, clube LGBTQIAPN+ na Lapa, com apresentações entre janeiro e fevereiro.



**Gustavo Klein como Olga Del Volga, o personagem mais icônico do multiartista argentina Patrício Bisso**

Nascido em Buenos Aires em janeiro de 1957, o argentino radicado no Brasil atuava simultaneamente em espetáculos underground e em veículos de comunicação de massa. No cinema, seu papel de maior destaque foi a “Juanita” do filme “Dias Melhores Virão”. Como Olga, integrou o prestigiado sofá dos programas de Hebe. O sucesso foi tão grande que levou a personagem ao cinema e à tele-dramaturgia, fazendo a novela “Um Sonho a Mais” (1985), na TV Globo. Patrício lutou contra o preconceito, venceu em uma terra longe do seu país de origem, teve que enfrentar a homofobia no meio em que trabalhava. A sua prisão por um incidente em 1994 o tirou dos holofotes e o fez retornar à Argentina, para nunca mais voltar ao Brasil. Faleceu em 13 de outubro de 2019 vítima de um infarto fulminante.

“Patrício era muito mais do que Olga. Era um ilustrador de primeira linha, um figurinista que poderia ter feito carreira em Hollywood e uma personalidade única no palco. Apesar de sempre venenoso quando estava em cena, na vida real Patrício era tímido. Foi um desafio escrever meu primeiro texto para o teatro, e justamente um monólogo. Levei um ano para concluir o texto, conversando com Marcelo Aouila (diretor de produção da peça) e Gustavo, fazendo pesquisas na internet e conversando com quem conheceu Patrício Bisso melhor do que eu”, revelou Tony Goes à época da estreia do espetáculo.

## SERVIÇO

### QUEM TEM MEDO DE OLGA DEL VOLGA

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon)  
Até 14/4, sextas e sábados (20h)  
domingo (19h)  
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

# Novo disco de **Billie Eilish**

## chega ao mercado em maio

Com 'Hit Me Hard and Soft', cantora e compositora acena com trabalho maduro rompendo fronteiras entre gêneros

**B**illie Eilish revelou nesta segunda-feira (8) detalhes de seu aguardado terceiro álbum de estúdio, "Hit Me Hard and Soft", que terá lançamento global em 17 de maio. Trata-se do trabalho mais ousado da artista estadunidense até o momento. "Hit Me Hard and Soft" é uma coleção de canções diversificadas e coesas que, nas palavras de Billie, deve ser "idealmente ouvida na íntegra do

início ao fim".

O álbum entega aos ouvintes exatamente o que o título sugere: atinge você com força e suavidade, em letra e sonoridade, rompendo fronteiras entre gêneros e desafiando tendências no caminho. O ouvinte é transportado a paisagens sonoras amplas e expansivas, num mergulho a um espectro amplo de emoções, confirmando Billie Eilish como uma das compositoras mais relevantes de sua geração.



William Drumm/Divulgação

*Billie Eilish em foto feita durante ensaio da capa do novo disco*

Mais uma vez, todas as faixas do disco foram compostas por Billie e por Finneas, seu irmão e habitual parceiro, que também atua como produtor do álbum.

Como parte de um esforço global para minimizar resíduos e combater as mudanças climáticas, o álbum estará disponível

no mesmo dia em todas as plataformas digitais e em todos os formatos físicos, em variantes limitadas, com a mesma lista de faixas e usando materiais 100% recicláveis. Nos LPs, por exemplo, será usado vinil 100% reciclado com embalagens plásticas. A cantora causou polêmica ao

falar do tema sustentabilidade em entrevista recente ao portal da Billboard. "Acho muito frustrante, como alguém que realmente se esforça para ser sustentável e fazer o melhor que posso, enquanto há alguns dos maiores artistas do mundo fazendo 40 capas de vinil diferentes".

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Resistir é preciso

No varal de emoções e referências, os acordes do violão e a pesquisa ancoraram o cantor e compositor Alè no single "Pretas & Pretos Novos". A música conta a história do Cais do Valongo, região conhecida como o lar histórico da comunidade afro-brasileira localizada na Pequena África (Gamboa), na zona portuária. Pretas e pretos novos era como os comerciantes de escravos tratavam os quase um milhão de africanos que aportaram na cidade. A música dialoga de forma direta sobre o martírio vivido por essa população.

Bruno Bastos/Divulgação



Felipe Kautz/Divulgação



### Juntando as vozes

Dois representantes da mais recente geração do indie rock nacional se encontram em uma faixa que mescla suas identidades. Em "Ainda Está No Ar", Gabriel Aragão (Selvagens À Procura de Lei) e Teago Oliveira (Maglore) mostram sintonia neste single que fará parte do álbum deluxe "Rua Mundo Novo". O projeto de Gabriel terá releituras do repertório de seu álbum de estreia solo. "Ter a presença do Teago nesse trabalho e nessa primeira faixa é especial pra mim. Finalmente juntar nossas vozes numa mesma canção", comemora Gabriel.

Divulgação



### Abre-alas de álbum

A banda pop colombiana Morat acaba de lançar seu novo single, "Faltas Tú", nas plataformas digitais. A faixa antecipa o próximo e quinto álbum do grupo formado em 2015 em Bogotá. "Nós gostamos muito que as primeiras músicas de nossos novos trabalhos sejam somente nossas (...). Gostamos que as pessoas entendam tanto o espírito, o tom e o estilo do disco", explicou Juan Pablo Isaza, um dos membros da banda, em entrevista recente à Billboard, comemorando a autorialidade do trabalho da banda. A faixa também é acompanhada de videoclipe.

‘O Navio da Morte’, do misterioso B. Traven, mostra que literatura boa pode ser panfletária

Por Alex Castro (Folhapress)

**T**udo é misterioso em “O Navio da Morte”. A identidade do autor B. Traven é misteriosa. Seus livros saíam primeiro em alemão e depois em inglês: em algumas ocasiões, dizia ter traduzido ele mesmo ao inglês; em outras, que o inglês é que era a língua original.

Seu romance mais conhecido, “O Tesouro de Sierra Madre”, de 1927, foi adaptado por Hollywood em uma superprodução estrelada por Humphrey Bogart. Várias de suas obras se passam no México e abordam temas relacionados à Revolução Mexicana.

Era o autor alemão? Americano? Mexicano? Até hoje ainda não é possível falar com segurança sobre quem é o homem por trás do pseudônimo B. Traven. Sabe-se que foi um ator, autor e editor chamado Ret Marut, que esteve ligado à revolução anarquista de Munique, em 1919. Chegou a ser condenado à morte pelas forças da repressão, mas escapou da execução e conseguiu chegar ao México, onde se estabeleceu e produziu um conjunto de obras de sucesso mundial. Mas nada disso é de fácil comprovação.

Tendo em vista a quantidade de livros investigando a identidade de B. Traven, ficaram faltando algumas páginas apresentando esse mistério fascinante ao público brasileiro. Quem não gosta de uma fofoca de autoria literária?

O manuscrito original deste livro também é misterioso: ele saiu primeiro em alemão em 1926 e, oito anos depois, em inglês, em versão expandida traduzida pelo próprio Traven. A maioria das



Reprodução

*Imagem da ficha do anarquista alemão Ret Marut na polícia. Até hoje não há certeza se foi ele o homem por trás do pseudônimo de B. Traven, autor de grandes sucessos literários como ‘O Navio da Morte’*

# Um grande livro de um autor que ninguém sabe (realmente quem é)

edições internacionais, inclusive uma brasileira da década de 1960, traduzem essa anglófona. A atual brasileira, na contramão da tendência, foi feita a partir da primeira edição alemã.

Os acréscimos à edição de 1934, entretanto, contêm alguns dos melhores trechos da obra. Por que privar o público brasileiro deles? Será que os editores presumem que não foram escritos pelo próprio autor? É possível. De novo, nada é seguro.

O problema é nem a multipli-



Divulgação

cidade textual nem a justificativa pela escolha da edição alemã terem sido comunicados às leitoras brasileiras.

Esses são os únicos senões de uma edição quase perfeita, primorosa e belíssima, da capa à tipografia. O posfácio, escrito por Alcir Pécora, professor da Unicamp e coordenador da Coleção Quimera, também é excelente e vai fundo no texto da obra, explorando tanto suas alusões literárias quanto seu contexto político.

O protagonista Gales é um

pícaro à moda antiga, na tradição do Lazarillo de Tormes e do nosso Sargento de Milícias, malandro e sofrido, irônico e ácido, narrando em suas próprias palavras a luta para sobreviver em um mundo hostil. Em “O Navio da Morte”, o pícaro é marinheiro e circula no mesmo cenário da melhor literatura de Herman Melville ou Joseph Conrad.

Mas não estamos mais no século dos baleeiros à vela. Se toda grande obra é sempre uma crítica à literatura anterior, “O Navio da Morte” é a resposta brutal do século 20 à literatura marítima do 19. Sim, nosso conhecido pícaro está em um familiar navio conradiano, mas dessa vez o roteiro parece escrito por Franz Kafka e os diálogos, por Samuel Beckett, se ambos fossem militantes anarquistas.

“O Navio da Morte” merecia ser mais conhecido. Na década de 1920, porém, o cânone não aceitava facilmente obras tão esquerdistas e ele se tornou apenas um “clássico do anarquismo”. Hoje, na década de 2020, o mundo mudou, para o bem e para o mal.

Por um lado, nossa literatura está cada vez mais avessa a sutilezas: livros sobre raça precisam afirmar a toda página que o “racismo é ruim” e desautorizar as personagens racistas (“olha, ela só está falando isso porque é a vilã, viu?”) ou a autora se arrisca a tomar um cancelamento apedrejante.

Por outro, quase clássicos como “O Navio da Morte”, nunca canonizados por serem excessivamente panfletários, talvez consigam cair no gosto de um público mais amplo.

Alguns livros envelhecem bem, outros mal: este não envelheceu nada. Cem anos depois, cada um de seus episódios grotescos, de suas situações absurdas, continua acontecendo igual ou pior. Não existem sutilezas em “O Navio da Morte”: o capital e os capitalistas, a burocracia e seus funcionários, o Estado e seus defensores são sempre os vilões.

A grande literatura raramente é tão panfletária, mas “O Navio da Morte” consegue cavar uma exceção.

# Caratinga celebra seu filho mais ilustre

Ziraldo presenteou cidade natal com acervo de Millôr e coreto pedido a Niemeyer

Por Daniela Mercier (Folhapress)

**U**m sorridente Menino Maluquinho acena para quem passa pela BR-116 na altura de Caratinga, a 295 km de Belo Horizonte, no leste de Minas Gerais. Com cerca de dez metros de altura, a escultura do garoto travesso que usa uma panela na cabeça sinaliza aos viajantes que os cerca de 90 mil habitantes da cidade não esquecem seu conterrâneo mais ilustre, Ziraldo Alves Pinto.

Tampouco o cartunista, que morreu no sábado (6), aos 91 anos, abandonou sua terra natal. Lembrado de forma perene no monumento de seu personagem mais conhecido e em uma casa de cultura que leva seu nome, Ziraldo falava com frequência do município em entrevistas e esteve diversas vezes na cidade.

Foi na adolescência que o já artista - ele publicou seus desenhos pela primeira vez em jornal aos seis anos - saiu do interior mineiro para viver no Rio de Janeiro. Voltou a Caratinga para terminar o colegial e depois foi para Belo Horizonte, estudar na Faculdade de Direito da UFMG. Formou-se em 1957 e, em seguida, fixou-se em solo carioca.

“Naquela época, [sendo] o filho mais velho, o neto mais velho, eu tinha a obrigação de ser o primeiro doutor da família”, declarou em 2016 ao receber a Medalha de Honra da universidade.

Ao se radicar no Rio, seguia o caminho de gerações anteriores de escritores mineiros, como a de Carlos Drummond de Andrade e a dos chamados cavaleiros do apocalipse - Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos.



**O Coreto Ronaldinho Calazans foi instalado na década de 1980 na praça Cesário Alvim, em Caratinga (MG); segundo Ziraldo, obra foi desenhada pelo amigo Oscar Niemeyer, a seu pedido, para a cidade natal do cartunista**

“Minas era pequena para o tipo de artista que eu pretendia ser”, disse em entrevista em 1997. “Não tinha nenhuma hipótese de eu fazer história em quadrinho aqui.”

Um dos últimos registros de uma visita dele a Caratinga é de 2015, quando esteve no Casarão das Artes para inaugurar o Espaço Millôr Fernandes, que abriga o acervo pessoal do escritor, desenhista e um dos maiores amigos de Ziraldo.

Segundo a mantenedora do casarão, estão lá mais de 5.000 livros do artista carioca doados pelo filho, Ivan Fernandes, a pedido de Ziraldo. Acompanhado do parceiro de O Pasquim, Millôr visitou o município mineiro nos anos 1960. Outra gentileza concedida por um amigo ao caratinguense é o coreto hexagonal Ronaldinho Calazans, instalado na praça principal da cidade, a Cesário Alvim, na década de 1980.



**Personagem mais popular de Ziraldo, o Menino Maluquinho virou estátua de dez metros na cidade de onde Ziraldo saiu para ganhar o mundo com seu traço**

Wilson Martins/Acervo do cartunista Edra

do dizia: é só o meu nome, mas a casa é de todos os artistas de Caratinga.”

Edra, que também é autor de “Noventa Maluquinhos por Ziraldo: Histórias e Causos”, pela editora Melhoramentos, e outros livros sobre o ídolo, vem se dedicando nos últimos anos a uma pesquisa sobre publicações da imprensa local a respeito de Ziraldo, desde o nascimento, em 1932. “É tudo o que os grandes jornais publicavam naturalmente a imprensa de Caratinga também reportava”, ressalta.

Segundo ele, o acervo coletado mostra que a intensidade da ligação do artista com a cidade não era da boca para fora. “É emocionante. Ele realmente falava muito de Caratinga, ele vinha aqui, ele interferia em tudo”, conta Edra, citando como exemplos o posicionamento do artista em discussões sobre salário de professores e até sobre a reforma do jardim de uma praça - polêmicas que sempre terminavam em afago e carinho, relata. “Sempre o que prevalecia era o amor de Ziraldo por Caratinga e, automaticamente, o amor de seus conterrâneos por ele.”

Foi também Ziraldo que desenhou alguns dos primeiros cartazes do Salão de Humor, dedicado a cartuns, charges, caricaturas e quadrinhos, cujo prêmio máximo é o Troféu Pererê - outra homenagem declarada. Em junho, o evento terá a sua 19ª edição.

“Um dia ele me disse: até quando eu morrer eu quero fazer os cartazes do salão”, recorda Edra. Cumpriu a promessa até quando pôde, diz, sobre o estado de saúde do cartunista nos últimos anos.

A Prefeitura de Caratinga decretou luto de sete dias por Ziraldo e lamentou a morte do filho querido em nota.

Era o próprio Ziraldo quem costumava contar que Oscar Niemeyer fez o desenho a seu pedido - o Iepha, órgão de patrimônio do estado, lista a obra como sendo de “autoria atribuída” ao arquiteto, em razão de “indícios, ou evidências existentes em documentos, ou pesquisas já realizadas”.

Em 2012, em homenagem aos seus 80 anos, Ziraldo foi recebido com um desfile de estudantes das escolas da cidade, divididos em alas que representavam fases de sua vida e obra. “Foi apoteótico. Sabe aqueles desfiles de Sete de Setembro? Assim fizeram para o Ziraldo”, conta o cartunista Edra, criador da Casa Ziraldo de Cultura e do Salão Internacional de Humor de Caratinga.

Fundado em 2009, o espaço hoje é gerido pela prefeitura e realiza exposições, lançamentos e outros eventos com o objetivo de promover o trabalho de artistas locais. “Ziral-